

Ponto de vista

Forças propulsoras para nossa performance ambiental

Celso Foelkel

Existe hoje um refrão muito simples, mas vital, para nosso setor de celulose e papel: “qualquer empresa em nosso setor tem duas opções – modernizar ou morrer”. Modernizar significa tornar-se mais competitiva e com menores custos unitários de produção. Significa crescer em escala e em performance, significa também estar mais rivogorada no mercado. A modernização oferece a chance de ser inovador, de praticar gestão, de encarar o futuro, de implementar novas estratégias e de crescer em competência para atuar em mercados cada vez mais competitivos. Por essas razões, a necessidade de se ter competitividade é uma força motriz muito forte para a modernização tecnológica das empresas. Como resultado da modernização, os custos baixam, melhora-se a produtividade e a qualidade, novos produtos são desenvolvidos e as pessoas se qualificam melhor. Isso, sem contar as maiores alegrias de nossos clientes. Para serem fornecedoras globais de papel e celulose, nossas fábricas se esmeram em adotar tecnologias estado-da-arte. Essas novas tecnologias, em geral, são mais performantes, demandam menos insumos, menos energia, são mais eficientes no uso dos recursos e geram menos resíduos e desperdícios. Por essa razão, as empresas que buscam a modernização tecnológica acabam tendo uma performance ambiental melhor. Entretanto, isso não é condição única. A gestão das empresas pode ser também muito agravante ao meio ambiente se ela não se preocupar em minimizar os impactos de sua atividade. A internacionalização das empresas e as exigências sobre elas de excelente performance ambiental conduz ao aperfeiçoamento da gestão dos processos, dos produtos, do meio ambiente e das pessoas. Nenhuma empresa que participa de um mercado competitivo quer ser vista como a pior dos concorrentes naquele mercado. Logo, a

competição leva à excelência, à beleza estética, à responsabilidade social e ambiental, à produtividade e aos resultados financeiros.

Certamente, os fornecedores de tecnologias performantes descobriram que os desperdícios geram poluição e custos adicionais pelo pior uso dos insumos e pelas necessidades de se combater os resíduos. As novas tecnologias de cozimento, de branqueamento, de geração de energia e vapor, de fabricação de papel, etc., usam muito menos água, energia, produtos químicos e até mesmo trabalho. Basta se comparar uma fábrica com tecnologias dos anos 70 com fábricas recém construídas. É óbvio então se concluir que o aperfeiçoamento tecnológico para tornar as empresas mais competitivas tem sido feito às custas de tecnologias mais limpas. Por essa razão, a modernização das fábricas deve ser encorajado, pois ela nos leva a fábricas menos impactantes ao meio ambiente. Não há necessidade de fortes pressões ambientais sobre as empresas, o processo de melhoria ambiental sempre ocorrerá quando uma fábrica buscar se modernizar. Os fechamentos de circuitos e fluxos de água, as modificações nos digestores, caldeiras, máquinas, etc., praticamente todas são tecnologias mais amigas do meio ambiente que as tecnologias utilizadas há alguns anos atrás. Contrariamente ao que se poderia imaginar, essas tecnologias modernas são na maioria dos casos mais baratas que as tecnologias do passado, além de se promover redução dos custos unitários de fabricação. Logo, sair da obsolescência é vital para nossas empresas. E isso acontecerá sempre. Uma empresa moderna hoje será sem dúvidas obsoleta em 20 ou 30 anos e se não se modernizar, correrá riscos para enfrentar os novos entrantes.

Uma coisa também tem ficado clara para os gestores da modernização: os investimentos em tecnologias de controle de poluição no fim de tubo são todas demandantes de muitos investimentos e são todas agregadoras de custos. Por essas razões, melhor investir em tecnologias de processo que gerem menos poluição, controlando a mesma na origem. As técnicas de reciclagem também crescem em importância. Perdas de fibras, de vapor, de minerais, de energia elétrica, etc. são hoje ferozmente combatidas em muitas empresas. Algumas outras ainda não acordaram para isso. Se não acordarem logo, poderão passar a desfrutar de sono eterno.

Estamos então caminhando rapidamente para as produções e tecnologias limpas e para a eco-eficiência. Como se deu isso, e por quais causas nos movemos a isso? É o que pretendo discorrer a partir de agora, tentando entender as forças motrizes a alavancar sustentabilidade ambiental em muitas de nossas empresas.

Um dos principais vetores para a mudança comportamental na adoção de tecnologias mais limpas e na gestão ambiental das fábricas para minimizar efeitos ambientais tem sido os programas de qualidade, desde as normas ISO 9000, 14000, OSHA 18000, bem como os já tradicionais 5 S's, TPM, TQM, etc. As empresas com bons programas de qualidade e excelentes house-

keeping são as primeiras a se converterem em empresas de produção limpa, eliminando resíduos e desperdícios na origem de sua geração. Exemplo disso são as recuperações de fibras, de águas residuárias e a eliminação de perdas de vapor. A empresa fica mais limpa tanto de sujeiras, como de poluição. Nada original essa frase, já que poluição e sujeiras ou lixo, são as mesmas coisas. O que tem ficado claro para as empresas é que toda essa sujeira na verdade são recursos valiosos que elas estão jogando fora. É também visível que a modernização tecnológica e a adoção de programas de qualidade têm trazido inúmeras conseqüências positivas, como: qualidade de vida; segurança e ergonomia; menos retrabalhos; reduções de custos; imagem da empresa, tanto para os empregados, para a comunidade e para os clientes. Embora isso seja tão claro para muitas empresas, ainda temos muitas empresas que fecham os olhos ao moderno e ao limpo, e se orgulham de suas velhas e obsoletas máquinas que jogam fibras, vapor e energia fora. Muitos desses gestores não participam de eventos de associações de classe, não visitam outras fábricas mais modernas, além de ter receio de enviar seus técnicos para essas atividades, com medo das inevitáveis comparações. Com certeza, se não fizerem nada, serão as vítimas que morrerão, bem citadas no refrão que iniciou essa coluna. Em geral, empresas desse tipo acabam e sequer sua morte é notada. Uma pena, pois se tivessem feito algo e se tivessem sido mais corajosas e menos fechadas entre seus muros, talvez estivessem a crescer e a se modernizar também.

Uma outra força motriz para a melhoria ambiental tem sido a nossa legislação ambiental e a ação dos órgãos de controle e do ministério público. Existe em nossas empresas, o receio das multas por infrações ambientais, o pavor do fechamento temporário ou definitivo da fábrica como já aconteceu com outras, bem como com o impacto na imagem e na opinião pública. Até mesmo a perda de valor das ações das empresas de capital aberto é uma força importante a estimular que as empresas procurem ser ambientalmente e socialmente responsáveis. Algo agora que é um pesadelo a todos os gestores da linha de frente, e que os estimula a um comportamento ambientalmente correto, é a nova lei de crimes ambientais e o papel atuante do ministério público nos assuntos ambientais. As recentes imagens de diretores de empresas mostrados algemados pela mídia são apavorantes para os nossos gestores. Melhor assim, isso os força a trabalhar para que não aconteça o pior com eles e com as suas empresas. Muito triste a família estar assistindo TV e ver a empresa que seu pai ou mãe trabalha ser mostrada “como uma pouca vergonha”, e logo depois os dirigentes passarem algemados sob forte proteção policial. Essa força é conhecida como o “poder de polícia” do governo. Ela foi muito importante no passado, mas continua presente como um importante “driver” ambiental. A legislação ambiental e as licenças de operação com condições restritivas trouxeram excelentes conseqüências na performance ambiental de nossas empresas de celulose e papel. Hoje, elas se orgulham de

sua performance, são muito mais transparentes em suas ações, revelam-se muito mais à sociedade e não mais temem o debate público. Isso porque se sentem confiantes por atenderem rígidos condicionantes ambientais. O tempo de se “espremer as laranjas” já se foi, mas o risco de voltar é um fator motivador para o compromisso de respeito ao ambiente. Muito bom isso. O ser humano precisa de uma pressãozinha e de regras para ser melhor. As empresas também. Fico particularmente feliz ao ouvir entusiasmados dirigentes de empresas se orgulharem de suas empresas que no passado foram consideradas muito agressivas ao ambiente. Significa que elas souberam resolver e mitigar seus problemas ambientais e que as restrições legais tiveram papel importante nisso.

Uma outra força motriz importante no aperfeiçoamento ambiental das empresas são as forças mercadológicas. As pressões por certificações ambientais e florestais influenciou bastante as empresas. Junto a elas, outras forças de mercado como a “fobia dos organoclorados” influenciaram as empresas a se modernizarem e a reduzir seus impactos ambientais. As empresas voltadas à exportação foram as que reagiram primeiro, mas não foram apenas elas, pois o mercado interno também passou a exigir imagens mais limpas das empresas. Outra interessante força ligada a esse tema foi o surgimento de produtos desenvolvidos para mercados mais amigos do meio ambiente, como foi o caso da celulose “fluff” TCF, isenta de organoclorados gerados no branqueamento. Os bebês não sabem ou entendem disso, mas os pais sim. Dentro dessa força de mercado, a competição entre as empresas também tem sido fundamental, como já visto. Todos querem ser os primeiros a implementar uma melhoria que seja simpática aos mercados e clientes. Também, ninguém quer ser visto como o patinho feio ou o sujo do mercado. As empresas multinacionais que atuam no país ainda têm as pressões em seus próprios países, pois não querem ser vistas pelos mercados internacionais, como estando a usufruir e degradar a natureza dos países onde atuam no mundo em desenvolvimento. Portanto, mercados e globalização são fatores muito importantes para a busca de bom desempenho ambiental das empresas, principalmente as que atuam nos mercados internacionais mais exigentes.

Outro fator motivador para as mudanças tem sido o desempenho das ONGs (Organizações Não Governamentais), que agora já descobriram que ao invés de bater panelas, o melhor é juntar argumentações e denunciar as empresas tanto à mídia como ao ministério público. Como é relativamente fácil se originar uma denúncia ambiental e com isso se conseguir uma ação na justiça, a ação das ONGs tem sido também um forte “driver” ambiental. Hoje, as ONGs são mais estruturadas, politicamente e culturalmente, além de mais abertas ao debate. Elas também são bem fundamentadas em suas argumentações técnicas sobre os temas a que se contrapõem. Em geral, seu papel está ligado à busca do desenvolvimento sustentável e da qualidade de vida, do cidadão e da biodiversidade. Na maioria das vezes, elas procuram

ocupar o espaço onde o governo através do poder de polícia está sendo pouco atuante, na opinião deles. Sempre conseguem muito destaque na mídia, por isso, mídia e ONGs são forças que se somam e devem ser interpretadas quase como uma só.

Finalmente, pode-se dizer que o papel das organizações de classe tem sido também muito importante. Associações como ABTCP , CNI, BRACELPA organizam eventos, mobilizam seus associados em grupos de trabalho para atualização constante em termos de tecnologias, política e legislação. Acredito que hoje temos a inserção de temas ambientais em praticamente todos os eventos técnicos, pois como já dissemos antes, as novas tecnologias também se promovem por suas eficiências ambientais. Junto às associações, perfilam também os institutos de pesquisa e as universidades. Cursos e teses ambientais estão cada vez mais freqüentes. Praticamente todas as universidades relevantes do país possuem bons cursos de gestão ambiental e nos laboratórios de pesquisa milhares de teses e dissertações sobre temas ambientais são desenvolvidas. Isso é natural, pois nossos jovens estão atentos à temática ambiental e buscam com interesse assuntos sobre isso para estudar.

Concluindo, podemos dizer que todas essas forças estão definitivamente atuantes no país, algumas mais fortes e outras mais fracas, dependendo da situação e do momento. O resultado é um ambiente dinâmico e competitivo, onde para se participar dele há que se praticar o diálogo, o estudo e a transparência. Não me esquecendo, é preciso ter muita competência também.